

Testamentos das gentes das maravilhas

RESUMO: Este ensaio tenciona demonstrar o inesgotável valor das narrativas orais como patrimônio cultural da humanidade. A partir de especulações próprias e diálogos com estudiosos, são apresentadas, sob a forma de testamentos, algumas das valiosas contribuições da tradição oral, especialmente na arte de contar histórias. Fontes de encantamento e sabedoria, as narrativas da tradição oral, contadas e recontadas com muita arte através de séculos, constituem subjetividades pela via do encantamento. Nessa perspectiva – ao colaborar para o autoconhecimento e o estabelecimento de sentidos para a vida – as narrativas orais assumem uma dimensão educacional e terapêutica, geração após geração, para além de tempos e lugares. Analisa-se, ainda, a importância dos *dielis* ou *griots*, difusores de culturas africanas, que embelezam as narrativas orais pelo manejo afiado da palavra recolhida e espalhada, bem como a dos saberes transmitidos pelas narrativas da memória cultural do povo indígena, no Brasil. Destacam-se, também, as narrativas bíblicas como constituintes do universo dos contos da tradição oral, pois elas expressam as mesmas questões humanas e universais presentes em tantos outros contos da tradição oral. Finalmente, pelo tanto que agregam valores às diversas gerações, destaca-se, historicamente, o papel das mulheres no universo dos narradores e das narrativas da tradição oral.

Palavras-chave: Tradição oral. Narrativas orais. Arte de contar histórias.

Luciene Souza Santos
Universidade Estadual de Feira de
Santana (UEFS)
lucienesantoz@gmail.com

Mary de Andrade Arapiraca
Universidade Federal da Bahia
(UFBA)
marya@ufba.br

Primeiras palavras

A expressão testamentos remete ao livro sagrado dos cristãos – uma das mais completas narrativas da tradição oral. Na trilha dessa evocação anuncia legados que constituem os contadores ao longo de sua história de tradição oral em passado imperfeito: havia, existia, era uma vez... Por seu lado, gentes das maravilhas foi capturada de Caram e Matos, [199-]

Os contadores de histórias são uma espécie de guardiães de tesouros. Não daqueles que possam comprar o mundo, mas dos tesouros que ensinam a compreender o mundo e a si mesmo. Eles semeiam sonhos e esperanças, sendo chamados de ‘gente das maravilhas’ pelos árabes.

Segundo Vansina (2010, p. 140), “[...] a tradição pode ser definida, de fato, como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra. Quase em toda parte, a palavra tem um poder misterioso, pois palavras criam coisas. Isso, pelo menos, é o que prevalece na maioria das civilizações africanas”. A expressão “palavras criam coisas” dialoga com “Ai palavras, ai palavras, que estranha potência a vossa!” (MEIRELES, 1994, p. 575), e com “[...]”

palavra na cabeça de gente faz história". (ARAPIRACA, 2008, p. 3). É ela, a palavra, que cria e desencadeia a tradição, ao mesmo tempo objeto e veículo do testemunho transmitido de geração a geração. E sobre tradição oral o mesmo Vansina (2010, p. 139) colabora com nosso entendimento:

As civilizações africanas, no Saara e ao sul do deserto, eram em grande parte civilizações da palavra falada, mesmo onde existia a escrita, como na África ocidental a partir do século XVI, pois muito poucas pessoas sabiam escrever, ficando a escrita muitas vezes relegada a um plano secundário em relação às preocupações essenciais da sociedade.

Hampaté Bá (2010, p. 168) rechaça a crença de que documentos escritos sejam mais fidedignos do que testemunhos orais:

Os primeiros arquivos ou bibliotecas do mundo foram o cérebro dos homens. Antes de colocar seus pensamentos no papel, o escritor ou o estudioso mantém um diálogo secreto consigo mesmo. Antes de escrever um relato, o homem recorda os fatos tal como lhe foram narrados ou, no caso de experiência própria, tal como ele mesmo os narra.

Veríssimo (2012, p. 57-58), evocando George Steiner, lembra que "[...] nem Sócrates e nem Jesus Cristo [...] deixaram qualquer coisa escrita. São mestres cujas lições sobrevivem no relato de outros."

Descendentes dos ancestrais, dos quais herdaram a fidelidade à tradição e à sabedoria, os contadores de histórias formam seu repertório no vai e vem do escutar, ler e contar outra vez. Nesse movimento, formam o "regaço das velhotas", expressão de Calvino (2006, p. 18), ao insinuar que as mulheres foram, ao longo do tempo histórico da contação de histórias, guardiãs importantes dos textos da tradição oral.

Entretanto, com o advento da modernidade, conforme Matos (1996) o costume da contação foi deixado de lado em prol de novas tecnologias. Como o universo é circular, a contação de histórias reencontra, no hoje agora, espaços e sentidos, como um reencantamento do mundo, não como negação da racionalidade, mas como compreensão de que somente a razão não é capaz de responder à complexidade humana.

A composição dos testamentos das "gentes das maravilhas" se inaugura, pois, com a compreensão do inesgotável valor das

narrativas orais como patrimônio cultural da humanidade. Sua existência é fundante do elo infinito da contação de histórias, que faz fluir a dialética do escutar e contar para conservar e modificar...

Os escritos aqui expostos em forma de legados, a partir de especulações próprias e diálogos com estudiosos, apresentam algumas contribuições – testamentos – da tradição oral, para que não se finde a teia que sustenta a contação de histórias.

Legado número um: de encantamento em encantamento, o texto da tradição oral faz-se fonte de sabedoria e ensinamento

Vi contadores de histórias lançando sua magia nas profundezas da Amazônia peruana e em casas de chá na Turquia, na Índia e no Afeganistão. Encontrei-os também na Papua Nova Guiné e na Patagônia, no Vale do Rift no Quênia, na Namíbia e no Cazaquistão. Seu efeito é sempre o mesmo. Eles caminham numa corda bamba fina como um fio de cabelo, suspensa entre fato e fantasia, cantando para a parte mais primitiva da nossa mente. (SHAH, 2009, p. 40)

Tahir Shah, escritor afegão que vive em Marrocos, expande nossa convicção de que o contador de histórias exerce quase que uma magia ao (re)produzir um entrecaminho entre realidade e imaginação. Tal poder e fascínio emanam da permanente dualidade da matéria-prima dos contos da tradição oral: o amor, a separação, as perdas, a amizade, a fartura, a carência... tudo que diz respeito à pessoa e à sua existência. Como representação dos modos de encarar a realidade, as narrativas, prenes de arquétipos ou construtos simbólicos da humanidade – o “inconsciente coletivo” –, propiciam autoconhecimento, gerando sentidos para a vida.

Diferentemente da informação, que só sobrevive quando nova, a narrativa da tradição oral é atemporal, não envelhece: “Ela conserva suas forças e, depois de muito tempo ainda, é capaz de se desenvolver.” (BENJAMIN, 1975, p. 201)

O poeta, filósofo e historiador Friedrich Schiller (apud SHAH, 2009, p. 40) dispara: “Há maior significado nos contos de fadas que me contaram na infância do que na verdade que a vida ensina”. Que significados são esses? Para Bettelheim (2001, p. 10-12), os da

própria vida. Pode existir maior aprendizagem do que encontrar sentido para a própria vida?

Sendo a vida desconcertante para a criança, ela precisa entender o mundo complexo com o qual tem que lidar. Para Arapiraca (1996), a compreensão e o conhecimento de si próprio e de suas circunstâncias é vital para o desenvolvimento da autonomia, pois o desejo de conhecer e compreender as coisas conduz o espírito humano a pensar metodicamente e a refletir sobre problemas concretos. Compreender é, pois, essencial. (ARAPIRACA, 1996)

Para Bettelheim (2011) ao longo dos séculos (quicá milênios), os contos de fadas, ao serem recontados, foram se tornando cada vez mais refinados, passando a transmitir, ao mesmo tempo, significados manifestos e encobertos. Passaram a falar simultaneamente a todos os níveis da personalidade humana, atingindo tanto a mente ingênua da criança tanto quanto a do adulto sofisticado. Aplicando o modelo psicanalítico da personalidade humana, os contos de fadas transmitem importantes mensagens à mente consciente, à pré-consciente e à inconsciente, em qualquer nível que esteja funcionando no momento.

No plano social, segundo Matos (1996), os contos difundem valores, criando amizade e solidariedade. No plano político, eles expõem questões vitais para a sobrevivência do grupo. Como formação do indivíduo, as sessões de contos mostram situações correntes da vida e como lidar com elas, sendo agentes de saber e humanização, além de estímulo da memória, coerência e lógica.

Sendo breves e econômicas a imaginação, a fantasia e o encantamento encontram, nessas narrativas, espaço aberto para fermentação e continuidade. (BUSSATTO, 2008) Esticar uma história é prolongar sentimentos, incorporar ensinamentos ancestrais e universais que apaziguam, abrigam, auxiliam na cura espiritual e na transformação, essenciais aos processos de aprendizagem.

As considerações, mesmo resumidas, sobre esse legado número um fornecem subsídios para compreender que as narrativas de tradição oral têm amplo espectro na constituição da convivência e da subjetividade humanas.

Legado número dois: as narrativas da tradição oral nos salvam

É com Foucault (apud JAROUICHE, 2006, p. 10,) que iniciamos esse legado: “Eu penso em *As mil e uma noites*: falava-se, narrava-se até o amanhecer para afastar a morte, para adiar o prazo desse desenlace que deveria fechar a boca do narrador.”

As histórias de *As mil e uma noites* ilustram a propriedade de as narrativas postergarem a morte. Apresentam Sherazade, que conta histórias noite após noite, para salvar sua própria vida e a de outras moças, vítimas de um rei que, traído por sua esposa. E as narrativas curam o próprio rei pois, ao lhe apresentar um repertório extraordinário, com contraditórios e ambíguos sentimentos e comportamentos – amor e ódio, brutalidade e delicadeza, coragem e covardia, malvadeza e piedade.

Caram e Matos ([199-], p. 7) nos informa que “[...] nas sociedades arcaicas – que não possuíam escola formal nem consultórios para tratamentos físicos e psicológicos nos moldes a que estamos acostumados [...], o contador de histórias era o mestre da palavra e o porta-voz da alma de seu povo.”

Bettelheim (2011) assegura que os contos criam pontes com nosso inconsciente, nosso mundo interior. Por isso, nos levam muito além do respirar: ajudam a vencer nossa temporalidade, nossa morte. E isso ocorre porque algumas histórias ajudam a nos conhecermos melhor.

Assumimos, com Bettelheim (2011), que os contos de fadas ajudam as pessoas a se entenderem melhor, porque apresentam, em seus personagens, os dois lados da ambivalência humana. Ainda sobre a função terapêutica dos contos de fadas, ele assevera que:

[...] na medicina tradicional hindu, um conto de fadas que emprestasse forma a seu problema particular era oferecido para meditação a uma pessoa desorientada psiquicamente. Esperava-se que, ao meditar sobre a história, a pessoa perturbada fosse levada a visualizar tanto a natureza do impasse existencial de que padecia quanto a possibilidade de sua resolução. (BETTELHEIM, 2011, p. 35)

Conforme Busatto (2006, p. 12) “A contação de história é um instrumental capaz de servir de ponte para ligar as diferentes dimensões e conspirar para a recuperação dos significados que

tornam as pessoas mais humanas, íntegras, solidárias, tolerantes, dotadas de compaixão e capazes de estar com.”

Sobre a natureza simbólica das histórias, diz Arapiraca (2008, p. 16):

[...] e é na linguagem que conotamos nossa vida, damos sentido ao que fazemos ou gostaríamos de fazer. Talvez por isso os contos da tradição oral, repletamente possuídos de símbolos, expressos em linguagem econômica e precisa, nos afetam e nos regeneram quando nos tornam aprendizes de sabedoria.

E Estés (1998, p. 37) reforça:

As histórias também fazem uso da linguagem simbólica, evitando, portanto, o ego e a persona, para chegar direto ao espírito e à alma que procuram ouvir as instruções ancestrais e universais ali embutidas. Em decorrência desse processo, as histórias podem ensinar, corrigir erros, aliviar o coração e a escuridão, proporcionar abrigo psíquico, auxiliar a transformação e curar ferimentos.

A compreensão e a reflexão sobre esse legado ressaltam a importância dos contos da tradição oral nos processos psíquicos e educativos, pois, ao apresentarem uma representação da realidade existencial, eles se tornam terapêuticos, colaborando em processos de autoconhecimento e de estabelecimento ou reestabelecimento de sentidos para a vida.

Legado número três: contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo

Se de cada fábula prefiro uma versão levantada em determinada região, isso não quer absolutamente significar que aquela fábula é daquela região. As fábulas, é sabido, são iguais em todos os lugares.

(CALVINO, 2006, p. 19)

Calvino (2006) fornece matéria para acolher como legado número três o postulado de Benjamin (1975), de que contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo.

Em Eclesiastes, na *Bíblia Sagrada*, há a afirmativa atribuída ao Rei Salomão: “Nada é novo debaixo do sol”. (ECLESIASTES, 1:9)

Vale lembrar também expressão do filósofo grego Heráclito: “Não se pisa duas vezes no mesmo rio [...]”. As coisas passam e se repetem, diferentes. Essa parece ser a dialética da vida: nos repetirmos para continuarmos novidade.

Venham de onde vierem, as narrativas de tradição oral vieram para ficar e para serem de novo contadas. O ritmo, a lógica, o uso econômico e preciso de palavras, nesse gênero textual, despertam o interesse e fazem com que o contar de novo seja uma ativação, uma recordação que permite ressignificar-se, reencantar-se.

Além de sua estrutura, que colabora para que a arte de contar histórias seja a de contar outra vez, a concisão linguística desses contos, identificada por Benjamin (1994) decerto propicia o aprender de cor e o reconto. Calvino nos dá outro subsídio para esse entendimento, ao afirmar, sobre as fábulas italianas, que elas são verdadeiras, por constituírem uma “[...] sempre repetida e variada casuística de vivências humanas, uma explicação geral da vida, nascida em tempos remotos e alimentada pela lenta ruminação das consciências camponesas até nossos dias.” (CALVINO, 2006, p. 16)

Por encontrarem ecos na memória dos ouvintes, os arquétipos e os símbolos presentes nessas histórias são capazes de atravessar o tempo. Contar outra vez, uma prática acolhida pelas crianças, constitui uma oportunidade de interlocução sobre conteúdos simbólicos que atuam sobre o imaginário individual e coletivo. Essa memória é, ao mesmo tempo, individual, porque constituinte de subjetividade, e coletiva, porque trata das coisas da alma de toda gente. É como se a reminiscência individual se alimentasse todo o tempo da coletiva e, nesse processo, o indivíduo ampliasse a sua capacidade de rememorar com a ajuda da coletividade.

Com Stanislavski (1998, p. 107), compreendemos que nossos afetos se aglomeram em torno de arquétipos que impulsionam nossas vidas e estruturam nossa memória afetiva.

Esse tipo de memória, que faz com que você reviva as sensações que teve outrora, é o que chamamos de memória das emoções ou memória afetiva. Do mesmo modo que sua memória visual pode reconstruir uma imagem interior de alguma coisa, pessoa ou lugar esquecido, assim também a sua memória afetiva pode evocar sentimentos que você já experimentou.

Em suma, o contador de histórias – ao apresentar e reapresentar o seu repertório e compartilhar a própria memória – ultrapassa a fronteira individual, agregando símbolos, viveres e pensares seus e de muitos outros... Os contadores de histórias conseguem transmitir sabedoria e cultura, geração após geração, propiciando que as histórias se lancem para além do tempo, num eterno retorno, o contar outra vez.

Legado número quatro: agentes ativos da ficcionalidade tradicionalista africana – *dielis* ou *griots*

Se formulássemos a seguinte pergunta a um verdadeiro tradicionalista africano: 'O que é a tradição oral?', por certo ele se sentiria muito embaraçado. Talvez respondesse simplesmente, após longo silêncio: 'É o conhecimento total'.

(BÁ, 2010, p. 169)

Amadou Hampaté Bá (1900-1991), antropólogo e estudioso das tradições orais africanas, é autor de um texto que começa exatamente com um dos mitos africanos da criação, segundo o qual, Maa Ngala, criador de todas as coisas, fez o homem e lhe denominou de Maa, para ser seu interlocutor. Ao lhe dar a vida, lhe deu também o dom da Mente e da Palavra e o constituiu como o guardião da harmonia do universo. Maa, por sua vez, transmitiu a seus descendentes o que recebera de seu criador, constituindo, a partir daí, a grande cadeia de transmissão oral. Os ensinamentos de Maa foram apropriados pelos mestres artesãos, ferreiros, tecelões e sapateiros –tradicionalistasdoma – que se encarregaram da iniciação dos jovens de 21 anos, ensinando-lhes o que Maa Ngala o transmitira.

Conhecidos como “conhecedores”, grandes depositários da herança oral africana, os tradicionalistasdoma não são “especialistas”. Pelo contrário, são “generalistas”, conhecedores das ciências da terra, das plantas, das águas, portadores de excepcional memória, exercendo a função de arquivistas de fatos passados ou contemporâneos, guardiões dos segredos da gênese cósmica e das ciências da vida. Todos eles, ainda conforme Hampaté Bá (2010), utilizam a palavra de forma disciplinada e prudente. Se cometem uma mentira de cunho religioso e sagrado, “[...] admitem o erro

publicamente, sem desculpas calculadas ou evasivas. Para eles, reconhecer quaisquer faltas que tenham cometido é uma obrigação, pois significa purificar-se da profanação.” (BÁ, 2010, p. 178). A educação tradicional africana, originária dos tradicionalistas doma, empresta grande importância ao autocontrole. “Falar pouco é sinal de boa educação e de nobreza.” (BÁ, 2010, p. 178).

Importa não confundir os tradicionalistas doma com os *dielis* (ou *griots*) ou os Woloso (cativos de casa), que pertencem à categoria dos “trovadores, contadores de história e animadores públicos”. A tradição confere aos *griots* um *status* especial:

Têm o direito de ser cínicos, e gozam da grande liberdade de falar. Podem manifestar-se à vontade, até mesmo imprudentemente e, às vezes, chegam a troçar das coisas mais sérias e sagradas, sem que isso acarrete grandes consequências. Não têm compromisso algum que os obrigue a ser discretos ou a guardar respeito absoluto para com a verdade. (BÁ, 2010, p. 193)

Desse modo, os *griots* são artistas da palavra, fazem literatura, usam atos de fingir do texto ficcional, para que o enredo, tratado sob o signo do fingimento, transponha a realidade para outro mundo, o mundo da ficção (ISER, 1983 apud HAMPATÉ BÁ, 2010, p. 185). São três as categorias dos *griots*: os músicos, que tocam qualquer instrumento e geralmente são cantores e compositores, transmissores da música antiga; os embaixadores e cortesãos, responsáveis pela mediação entre as grandes famílias em caso de desavenças; e os genealogistas, historiadores ou poetas, em geral contadores de história e grandes viajantes. Embora não sejam os únicos e nem os mais credenciados tradicionalistas, os *dielis* ou *griots* são os que mais se destacaram e se fizeram conhecidos na cultura brasileira.

Considerando que a sociedade tradicional africana está baseada no diálogo, os *griots* são agentes ativos nas conversações. Treinados para colher e fornecer informações, eles têm o mesmo papel de Hermes na mitologia grega, o de mensageiros.,(BÁ, 2010) Geralmente dotados de grande perspicácia e inteligência, o poder que eles exercem sobre os nobres advém do conhecimento que possuem da genealogia e da história das famílias.

Hampaté Bá comenta um mal-entendido de alguns franceses, que consideraram o *griot*, um ocultista, versado em conhecimentos

ocultos, uma espécie de feiticeiro, com “poderes de bruxaria”. Para ele, o poder dos *griots* está “[...] na arte de manejar a fala, que, aliás, é uma espécie de magia.” (BÁ, 2010, p. 199)

Assim, com este legado, destacamos a importância dos *dielis* ou *griots*, mensageiros das narrativas tradicionalistas africanas, que emprestam especial embelezamento à narrativa oral pelo manejo apropriadamente afiado da palavra recolhida e espalhada.

Legado número cinco: símbolos e sentidos das narrativas indígenas

Descobri que a falta de chuva não seca a beleza das almas.

(GERLIC, 2001, p. 58)

As histórias preparam os indígenas para rituais de passagem. Conectam o mundo material e o espiritual e falam de um encantamento que gera uma nova compreensão da nossa existência através de uma ancestralidade viva (RAMALHO, 2011, p. 28). Nas sociedades indígenas, há uma riqueza de simbologia embutida em seus mitos, lendas, contos e narrativas que reclama por conhecimento de todos que lidam com as narrativas de tradição oral.

Bonin (2007) realizou estudo acerca das *Narrativas sobre povos indígenas na literatura infantil e infanto-juvenil*, fruto de sua pesquisa realizada em 2007, cujo objetivo foi de problematizar narrativas sobre povos indígenas no contexto escolar, tomando como foco obras que compõem o acervo do Programa Nacional de Biblioteca na Escola (PNBE) do Ministério da Educação (MEC) e que abordam a temática indígena.

O foco da atenção de Bonin (2009, p. 1) foram as obras que compõem o acervo do PNBE e que abordam a temática indígena. Segundo informa, “[...] desde que o programa iniciou, foram selecionados, adquiridos e distribuídos às escolas públicas 39 títulos com este enfoque, sendo alguns deles escritos por autores indígenas”.

Ramalho (2011), de quem tomamos o tema deste legado, há mais de 11 anos conta histórias indígenas. Admirada com a riqueza da cultura oral indígena e o desconhecimento sobre ela, iniciou o percurso de contar essas histórias com algumas interrogações:

As perguntas eram muitas: – Por que contar histórias indígenas em nossa sociedade? Como colaborar para difundir a tradição destes povos? Como utilizar versões dos mitos tradicionais e fazer com que alguns de seus símbolos possam ser apreendidos por pessoas de outra formação cultural? Como abordar temas como sexualidade e morte, que para nossa sociedade são tabus, e que nas histórias indígenas são tratadas com naturalidade? De que modo eu deveria contá-las? (RAMALHO, 2011, p. 25)

Algumas perguntas de Ramalho (2011) são também nossas, em especial: quais são os saberes ancestrais desses povos, quais as suas simbologias fundamentais? Por serem usadas nos rituais de passagem, inferimos que as histórias, na cultura indígena, têm o papel de transmitir os saberes da tradição ancestral, contida na memória cultural, para ajudar os jovens a compreenderem a sociedade da qual fazem parte, a ordem das coisas e suas regras de convívio. Mas quais são esses símbolos?

Segundo a referida autora, os indígenas têm forte sentimento de grupo e da importância de todos os seus integrantes – e as histórias ajudam a fortalecer esses laços: “É a palavra dos antigos – que fala do tempo em que o mundo foi criado –, apresentada à nova geração, que, mesmo após incorporar à sua cultura inovações como o uso da internet, luta para manter vivo o pensamento e o modo de vida harmônico de seu povo.” (RAMALHO, 2011, p. 27)

O que nos conforta é que não há um vazio absoluto sobre a questão. Ao contrário, percebe-se um movimento voltado para conhecer a cultura do povo indígena. Como diz Wabuá Xavante, citado por Ramalho (2011, p. 25), “ninguém respeita aquilo que não conhece”.

Um importante trabalho nessa direção é desenvolvido pelo FAZCULTURA/Bahia, iniciado em 1999, que resultou em publicações de livretos intitulados Índios na visão dos índios. Temos ciência de dois: o primeiro da série, publicado em 1999, foi realizado especialmente por jovens *Kariri-Xocó*, e outro, o segundo, publicado em 2001, refere-se à tribo *Pankararu*. Eis alguns trechos dessas publicações:

Este livro vale porque as pessoas sabendo da vida do índio vão ficar interessadas e vão querer ajudar, eles vão parar e pensar na vida, observando nossa vida. Se nos conhecem mais vão passar a respeitar mais nosso conhecimento e parar com o preconceito. (SWYRANY SUIRA, 16 anos), (GERLIC, 1999, p. 22)

Dois irmãos em um mundo

Nascem dois irmãos na mesma hora. Os dois crescem juntos. Um presta atenção em todos os conhecimentos e fatos da tradição tribal, aprendendo, e o outro não.

Os dois crescem e se distanciam. Um fica na tribo e o outro vai embora. Depois de muitos anos, aquele que foi embora sente saudade e retorna. O que ficou também quer conhecer o mundo de fora: cada um vai ensinar o outro:

– Me ensina como é o mundo de fora?

– Me ensina como é o mundo de dentro?

Então vai ter uma grande troca de conhecimentos. Mesmo aquele que nasceu na tribo, não sabendo da tribo, aprendeu coisa que a tribo vai precisar.

Todos os povos da terra foram criados e são necessários, senão não teriam sido criados.

História, guardada por Nhenety (GERLIC, 1999, p. 9) guardião da História Kariri-Xocó, Povos indígenas do Baixo São Francisco

Quando Deus fez a natureza deixou os Tonás de Caruá. Cada tribo tem seus costumes, somos todos muito diferentes, mas somos todos irmãos. Cada etnia tem sua tradição, agora quando juntos cantamos nossos Toantes, os outros índios aos poucos começam a entender a nossa língua e logo todos cantamos num dialeto só. (FERNANDO) (GERLIC, 2001, p. 18)

Se os próprios índios confessam que cada etnia tem sua tradição, conhecer traços dessa cultura não comporta generalizações. Considerando dados do IBGE (2000), citados por Bonin (2007) pelo menos 241 povos indígenas vivem no Brasil, falantes de 180 línguas. São dados que dispensam comentários.

Para fechar as considerações sobre esse legado, tomamos de empréstimo algumas palavras de Sebastián Gerlic (2001), uma senhora da tribo Pankararu, editora da publicação:

São poucas as verbas que o governo dispõe para os índios e são infinitamente menores aquelas que verdadeiramente chegam às comunidades. O egoísmo chegou e ensinou uns índios a se aproveitarem de outros. Mas muitos lutam hoje por desemaranhar as redes, as teias, com as garras acordadas, atentas, assinalando o valor da união e reavivando a força de lutar por uma vida mais justa. Para eles, quebrou-se o Equilíbrio, a Paz que dará muito trabalho para reconquistar. Espero que um dia chegue essa certeza que todos somos um só coração.

Espero não só que os Pankararu retomem sua união, mas cada povo, para que finalmente sejamos todos um povo só. Durante este tempo que fiquei em uma realidade muito carente, sem recursos, com fome, descobri que era nada carente de solidariedade, que tinha o recurso de se juntar e a fome dividida ficava menor. Descobri que a falta de chuva não seca a beleza das almas. (GERLIC, 2001, p. 62-63)

Este legado só se encerra aqui como texto, pois as narrativas indígenas, contidas na memória cultural de seu povo, transmissoras dos saberes da tradição ancestral, merecem redobrada atenção de todos nós envolvidos na contação de histórias. Com mais conhecimento, poderemos usufruir e socializar valores que sustentam a certeza de que “a falta de chuva não seca a beleza das almas”.

Legado número seis: narrativas bíblicas constituintes do universo dos contos da tradição oral

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.

(JOÃO, 1: 1-4)

A Bíblia, livro sagrado dos judeus e de muitas das religiões ocidentais, têm características dos demais contos da tradição oral. Um Deus Pai que castiga, demonstra preferências e promete recompensa para uns e castigo para outros, fica zangado, se arrepende, volta atrás em suas decisões e disputa poder. Um Deus Filho que toma vinho, come com pecadores e publicanos, gosta de ser paparicado, coloca mulheres em seu serviço, e foi conversar com uma mulher samaritana, ...

Determinante de comportamentos em muitas das religiões ocidentais, as narrativas do “povo de Deus”, guardadas na Bíblia, passadas de geração a geração, expressam as mesmas questões universais dos contos da tradição oral: relações de poder entre homem e mulher, pais e filhos, irmãos e irmãs, incesto, conflito de gerações...

Por muito tempo, imaginou-se Moisés como o único contador das histórias dos livros que constituem o *Pentatêutico* (em grego, “cinco rolos”): *Gênesis*, *Êxodo*, *Levítico*, *Números* e *Deuteronômio*. Hoje, considerando a complexidade literária e diversidade de

estilos desse conjunto, é praticamente consenso atribuir a autoria dessas narrativas a várias pessoas, em períodos indeterminados. O *Pentatêutico* se inicia com a origem do universo como obra do Criador, que o fez em seis dias e descansou no sétimo. Desenvolve-se com narrativas históricas do povo de Israel, eivadas de confrontos entre o bem e o mal, a obediência e a desobediência, a fé e a descrença, com ênfase no domínio de Deus sobre todas as coisas e todas as criaturas. Nesse sentido, é exemplar a história de Abraão, cujo filho, Isaque, Deus pediu em sacrifício. Por ter atendido a essa determinação (que não resultou na morte de Isaque), Abraão foi considerado, na história de Israel, como o “pai da fé”.

Uma impressionante história do livro de *Gênesis* encontra-se no capítulo 4: Abel e Caim. É a história da inveja de um irmão, no caso Caim, um lavrador que não conseguia agradar a Deus, enquanto o outro, um pastor de ovelhas, era “gracioso aos olhos de Deus”. A inveja fez com que Caim cometesse homicídio contra seu irmão Abel. Essa narrativa nos leva às entranhas da alma humana e seus sentimentos: ciúmes, paixões, vinganças, ameaças, solidariedades, astúcias.

Três outras narrativas do livro de *Gênesis* geraram desdobramentos na contemporaneidade, crônicas, poesias e filmes. A primeira é a história do dilúvio e a construção da arca de Noé (*GÊNESIS*, Cap. 6, 7, 8 e 9), a segunda é a da Torre de Babel, (*GÊNESIS*, Cap. 11), e a terceira é a belíssima história de amor de Jacó por Raquel (*GÊNESIS*, Cap. 29), que deu elementos para o soneto 88 de Luís de Camões “Sete anos de pastor Jacob servia...”:! (*CAMÕES*, 1963. p. 298)

O livro de Êxodo conta a vida sofrida dos descendentes de Jacó no Egito e a saída desse povo em direção à terra prometida. Como essa viagem durou mais de 400 anos, por certo o processo de recolha dessas histórias deve ter envolvido gente de muitos e de variados tempos.

Fora do *Pentatêutico*, há a história do menino Davi que, com astúcia, vence e mata o filisteu gigante Golias, que perseguia o povo de Israel (*SAMUEL*, Cap. 17). A saga dessa história se repete em vários quadrantes da terra: a vitória dos mais fracos contra os poderosos, através de expedientes astuciosos.

Poderíamos nos estender mais, contudo preferimos ficar com essa amostra, considerando ser suficiente para abonar a tese de que as narrativas bíblicas são partes constituintes do universo da tradição oral, pois expressam as mesmas questões universais relacionadas às pessoas e às sociedades humanas presentes em tantos outros contos da tradição oral.

Legado número sete: mulheres em primeiro lugar na contação e preservação dos textos da tradição oral

A relação entre mulher e contação de histórias lembra a mãe, aquela que divide seu corpo com a cria, a traz perto de si, amamenta, acalenta...

Mas seu papel no universo da “gente das maravilhas” ultrapassa a figura da mãe. Nas sociedades medievais, as mulheres, amas ou criadas, são referências fundantes na contação de histórias, desenvolvendo essa arte no ofício de cuidar dos filhos das senhoras. Eram mulheres do povo, prenes de sabedoria herdada da tradição oral, verdadeiras bibliotecas vivas, que doavam aos filhos de suas senhoras o alimento para o corpo e para o espírito. Eram sábias, segundo Rocha (2010, p. 60), e continuavam também sua arte diante do fogo, enquanto costuravam ou realizavam trabalhos domésticos.

Nessa mesma sociedade, mulheres destacadas na arte da narração foram duramente perseguidas pela “Santa” Inquisição, que julgava e condenava quem discordasse dos dogmas da Igreja Católica. Segundo Warne (1999 apud ROCHA, 2010, p. 60):

Na Antiguidade, as contadoras de histórias foram confundidas com sedutoras feiticeiras, com as Sibilas, as profetizas que cantavam oráculos e que, perseguidas pela fé cristã, tiveram que se refugiar em grutas, onde pudessem praticar suas artes proibidas, sendo uma delas: inventar histórias. As histórias das Sibilas passavam informações e transmitiam a seus ouvintes uma imagem do que o futuro podia reservar, eram histórias que veiculavam uma sabedoria universal.

As Sibilas traziam, em suas histórias, imagens sobre o futuro. Eram como as Parcas, três velhas cegas que fiavam lã numa roca e escolhiam um fio que lhes revelava o futuro: a lã presa na roca representava o passado, e o fio puxado, o futuro. Nesse

compasso, fiavam versões do futuro para que os ouvintes inferissem verossimilhanças com seu destino.

A mulher também teve espaço para narrar nos salões frequentados por nobres em plena Renascença. Na França do século XVII, jovens de famílias tradicionais costumavam narrar histórias como diversão. Há um novo perfil de narradora, que deixou de ser a dos ambientes simples e passou a ser a de mulheres à frente do seu tempo. D'Áulnoy, escritora francesa, ficou conhecida por seus contos de fadas e por ter cunhado essa expressão (*contes de fée*), agora utilizada para identificar o gênero. L'Héritier, romancista e poetisa francesa, destacou-se no movimento das Preciosas, na França do século XVIII. (WARNER, 1999, p. 108)

Mas foi ao final do século XVII que as contadoras de histórias infantis ganharam notoriedade, admiração e respeito da sociedade, associadas à avó de Jesus, Santa Ana, representação maior da sabedoria matriarcal:

[...] o culto de santa Ana, como se desenvolveu na França no século XVII, combinou-se com as Sibilas para dar à bruxa narradora o rosto bondoso de uma avó íntima e querida. É em paralelo ao surgimento dos contos de fadas escritos no ocidente que o culto a Santa Ana ganha representatividade. Narrá-los torna-se uma prática bem vista pela sociedade. (WARNER, 1999, p. 108).

Warner nos surpreende com informações acerca da rainha de Sabá, que foi às terras de Israel à procura do rei Salomão, fascinada pela fama de sua sabedoria:

[...] a rainha de Sabá, figura lendária, oriunda da África, Arábia, Irã ou Iraque (não se sabe ao certo) também se destacou como narradora oral de histórias; uma das pioneiras nessa arte ela foi capaz de misturar fada madrinha e bobo da corte, bruxa e curandeira, a figura da avó com a Síbila, enfim, ela representou para os narradores tradicionais o paradigma da sabedoria, guardiã de segredos e saberes pouco comuns e exerceu sobre os que conhecem as suas histórias uma relação de poder e fascínio. (WARNER, 1999, p. 125)

Para escrever seu livro *Fábulas Italianas*, Calvino (2006, p. 18) afirma: “Não fui recolher pessoalmente as histórias no regaço das velhotas [...] porque, com todas aquelas coletas dos folcloristas, sobretudo do séc. XIX, já dispunha de uma grande massa de

material". Ele recolheu narrativas registradas por folcloristas em regiões diversas da Itália. Na sua avaliação, as duas mais belas antologias de toda a Itália são a de Toscana e a da Sicília: *Sescantanovellepopolarimontalesi*, de Gherardo Nerucci e a *Fiabe, novelle e racontipopolarisiciliani*, de Giuseppe Pitrè. O primeiro é um livro de bela leitura, obra de um escritor. O outro, em quatro volumes, contém, ordenados por gênero, textos em todos os dialetos da Sicília, e é "obra de um cientista". Ambos representam, por vias diversas, a restituição do papel daquela arte especial e volátil que é narrar oralmente (CALVINO, 2006, p. 24).

A antologia de Giuseppe Pitrè, uma das mais consideradas por Calvino, de 1875, apresenta uma antiga empregada de sua casa, Agatuzza Messia, costureira de colchas, velha analfabeta, como principal contadora das histórias:

Assim, a protagonista da coletânea de Pitrè é uma velha narradora analfabeta, Agatuzza Messia, 'costureira de ededrons no Borgo (bairro de Palermo) no largo Celso Negro, nº 8' e antiga empregada da casa de Pitrè. Um grande número dos mais belos cantos de Pitrè vem da sua boca e minha escolha serviu-se amplamente dela. (CALVINO, 2006, p. 26)

Ainda segundo Calvino, Nerucci, um advogado, que começara a coletar fábulas em 1868, também tem uma narradora predileta: "[...] chama-se Luisa, viúva de Ginanni. Dentre os contadores de Montale é a que sabe mais fábulas (três quartos da coletânea se devem a ela)." (CALVINO, 2006, p. 29) Ela parece não ser de origem popular e, se não o é, registra-se que, numa mesma época, duas mulheres de origens diversas se constituem como as grandes narradoras de dois célebres folcloristas italianos.

Por certo, é possível descobrir tantas outras mulheres que, como elas, de origem nobre ou popular, deixaram suas marcas no universo da "gente das maravilhas".

Finalizamos com a retomada de Sherazade, que, por meio de histórias, salva sua própria vida e a de outras moças. Com ela, encerramos a compreensão deste legado, compreendendo-a como símbolo da mulher que narra para sobreviver e perpetuar a espécie humana. Assim, pelo tanto que agregaram valores às diversas gerações, as mulheres merecem um lugar de destaque no universo dos narradores e das narrativas de tradição oral.

Por fim...

Já que é preciso encerrar, reiteramos que narrar é uma arte que atravessa os tempos e espaços, cumprindo seu papel de manter as pessoas encantadas, unidas pelas palavras. A fogueira pode ter sido substituída pela luz elétrica, os trovadores pelos cantores e poetas, mas as histórias continuam, e sempre haverá quem as conte e reconte, num processo de reencantamento, geração após geração...

The Legacy of the Enchanted People

ABSTRACT: This essay intends to demonstrate the inexhaustible value of oral narratives as cultural heritage of humanity. From my own speculations and discussions with scholars, are presented in the form of wills, some of the valuable contributions of oral tradition, especially in the art of storytelling. Sources of wonder and wisdom, the narratives of the oral tradition, told and retold with great art through centuries, constitute subjectivities via enchantment. In this sense - to contribute to the establishment of self-knowledge and senses to life - oral narratives dimension is educational and therapeutic, generation after generation, in addition to time and place. It analyzes also the importance of dielis or griots, diffusers African cultures that embellish the oral narratives by handling sharp collected and spread the word as well as the knowledge transmitted by the narratives of cultural memory of the indigenous people in Brazil. Noteworthy are also the biblical narratives as constituting the universe of tales from the oral tradition, as they express the same universal human affairs and present in many other tales of the oral tradition. Ultimately, by the values aggregate to the various generations, it has been highlighted historically the role of women among the narrators and narratives of the oral tradition.

Keywords: Oral tradition. Oral narratives. Art of storytelling

Referências

ARAPIRACA, M. de A. *Prólogo de uma paideialobadiana fundada no fazer especulativo: a chave do tamanho*. Tese doutorado. Salvador: PPGE/UFBA, 1966.

ARAPIRACA, M. de A. Narrativas fazem sentidos. In: MUNIZ, D. M. S. et al. *Entre textos, língua e ensino*. Salvador: EDUFBA, 2008.

BÁ, A. H. A tradição viva. In: *História geral da África, I: metodologia e pré-história da África*. 2. ed. rev. Brasília, DF: UNESCO, 2010

BENJAMIN, W. O narrador. In: LOPARIÉ, Z. et al (Org.) *Textos escolhido*. São Paulo: abril Cultural, 1975.

BETTELHEIM, B. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

BÍBLIA SAGRADA: Antigo e Novo Testamento. Tradução em português de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

BONIN, Iara Tatiana. *E por falar em povos indígenas... quais narrativas contam em práticas pedagógicas?* Porto Alegre: UFRGS, 2007. 220 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007

BUSATTO, C. *A arte de contar histórias no século XXI*. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

BUSATTO, C. *A arte de contar histórias no século XXI*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

BUSATTO, C. *Contar e encantar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CALVINO, I. *Fábulas italianas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CAMÕES, L. de. Sonetos. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Companhia Aguilar Editora, 1963. p. 298.

CARAM, C. A.; MATOS, G. *Caderno de textos*. Projeto convivendo com a arte. Belo Horizonte: Frente e verso, [199-].

ESTÉS, C. P. *O dom da história: uma fábula sobre o que é suficiente*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

GERLIC, S. Índios na visão dos índios. Salvador: FAZCULTURA, 1999.

GERLIC, S. Índios na visão dos índios. Salvador: FAZCULTURA, 2001.

JAROUICHE, M. M. Apresentação. *Livro das mil e uma noites*. Vol. I, São Paulo: Companhia das Letras, 2006. (Tradução de JAROUICHE a partir de manuscritos obtidos em vários países).

MATOS, G. A. *A palavra do contador de histórias: sua dimensão educativa na contemporaneidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MEIRELES, C. Das palavras aéreas. In: MEIRELES, C. *Romanceiro da inconfidência. Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

RAMALHO, D. Contos indígenas: uma experiência com narrativas dos primeiros povos. In: PRIETO, B. (Org.). *Contadores de histórias: um exercício para muitas vozes*. Rio de Janeiro, 2011. p. 25-31.

ROCHA, V. M. *Aprender pela arte a arte de narrar: educação estética e artística na formação de contadores de histórias*. 2010. 200 f. Tese (Doutorado em Artes) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SANTOS, L. S. *A Emília que mora em cada um de nós: a constituição do professor-contador de histórias*. 2013. 167 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

SHAH, T. *Nas noites árabes: uma caravana de histórias*. Rio de Janeiro: Roça Nova Ed., 2009.

STANISLAVSKY, C. *A construção da personagem*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

VANSINA, J. A tradição oral e sua metodologia. In: VANSINA, J. *História geral da África, 1: metodologia e pré-história da África*. 2. ed. rev. Brasília, DF: UNESCO, 2010. p. 157-179.

VERÍSSIMO, L. F. *Diálogos impossíveis*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

WARNER, M. *Da fera à loira: sobre contos de fadas e seus narradores*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

Submetido em: 07/03/2017

Aceito em: 22/06/2017